



Variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa no espanhol oral de Valência

José Victor Melo Lima, Márluce Coan e Valdecy Oliveira Pontes*

Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Avenida da Universidade, 2853, Benfica, 60020-181, Fortaleza, Ceará, Brasil.
*Autor para correspondência. E-mail: valdecy.pontes@ufc.br

RESUMO. Nesta pesquisa, analisamos a variação sociolinguística entre as formas de tratamento de segunda pessoa, *tú* e *usted*, em 36 entrevistas extraídas do *corpus* PRESEVAL (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia*). As 1.286 ocorrências coletadas, sendo 1.185 relativas à variante *tú* e 101 à variante *usted*, foram analisadas estatisticamente no programa Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, & Smith, 2005) para detectarmos a incidência de motivações linguísticas ('tipo de referente e tipo de discurso') e extralinguísticas ('idade', 'sexo' e 'escolaridade'). O programa selecionou como significativos os seguintes grupos de fatores: i) 'tipo de referente', com o fator 'indeterminado' como favorecedor da variante 'tú'; ii) 'faixa etária', grupo em que a forma 'tú' foi predominante nos indivíduos da 'faixa etária mais jovem'; iii) 'tipo de discurso', no qual a variante supracitada demonstrou ser condicionada por 'discurso reportado de terceiros'. Os resultados, interpretados à luz de pressupostos sociofuncionalistas, relevam atuação de princípios cognitivos: marcação, expressividade retórica, iconicidade e especialização por generalização.

Palavras-chave: pronome de segunda pessoa; língua espanhola; sociofuncionalismo.

Variation in treatment types of the second person in the oral Spanish from Valencia

ABSTRACT. In this research we analyse the linguistic variation in the treatment types of the second person, *tú* and 'usted' through the use of 36 questionnaires taken from PRESEVAL *corpus* (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia*). The 1.286 occurrences collected, with 1.185 related to the variant *tú*, and 101 to *usted*, were statistically analyzed by Goldvarb Program (Sankoff, Tagliamonte, & Smith, 2005) to detect incidence of linguistic motivations (referent type and discourse type), and extra-linguistic (age, sex and schooling). The program selected as significant the following factor groups: referent type, with the indeterminate factor, favoring the variant *tú*; ii) the age group, the one in which the form *tú* was prevailing in subjects from the younger age group; iii) type of discourse, in which the abovementioned variant proved to be conditioned by other people's reported speech. The results, interpreted under socio-functional assumptions, have revealed the acting of cognitive principles: markedness, rhetoric expressivity, iconicity, and specialization for generalizing.

Keywords: pronoun of second person; Spanish language; sociofunctionalism.

Received on July 3, 2019.
Accepted on October 21, 2019.

Introdução

Em espanhol, o paradigma pronominal e verbal da segunda pessoa do singular recebe o nome de *tuteo*, quando há uso do pronome *tú* em oposição aos pronomes *vos* e *usted* (Carricaburo, 1997; Fontanella de Weinberg, 1999; Calderón Campos, 2010). Ultimamente, formas de confiança como *tú* têm se sobreposto ao uso de formas de respeito, como *usted*, em várias comunidades hispanofônicas (Carricaburo, 1997). Podemos citar como exemplo do avanço de *tú* sobre *usted* – forma utilizada quando a relação estabelecida entre os interlocutores é de formalidade – a entrevista realizada por uma jornalista do canal de notícias espanhol Telecinco ao rei Felipe VI da Espanha, quando da final de um campeonato de basquetebol em Lila, França, no ano de 2015 (Entrevista..., 2015). Nessa ocasião, a jornalista quebra o protocolo ao deixar de usar a forma indicada para se dirigir ao membro da realeza, titular da Coroa, e usar a forma *tú* para se reportar ao monarca.

O exemplo citado aponta para uma tendência evidenciada por Brown e Gilman (1960) ao postularem a teoria do poder e da solidariedade, pois há duas dimensões por meio das quais poderíamos identificar as relações de forças existentes entre interlocutores. Há relações que se encontram na dimensão do poder, quando um indivíduo controla o comportamento de outro a partir de bases como força física, idade, sexo etc. Em uma relação marcada pela diferença, o tratamento entre os interlocutores é assimétrico, isto é, um indivíduo superior faz uso de uma forma T e recebe V¹.

Por outro lado, uma relação no âmbito da solidariedade é marcada pela reciprocidade no tratamento, em que um interlocutor utiliza uma determinada forma e também a recebe. Sendo assim, a relação que se estabelece é simétrica, ou seja, opera-se com T e recebe-se T ou utiliza-se uma forma V e obtém-se, também, V. No entanto, Brown e Gilman (1960) observaram que as línguas europeias passavam por um processo lento e gradual no qual as relações assimétricas de tratamento caminhavam para relações de simetria, o que parece influenciar o uso do *tú* da jornalista ao interpelar o rei da Espanha.

Em estudo sobre a extensão da forma *tú* na cidade de Guadalajara, México, ao controlar fatores como poder, distância, idade, escolaridade e origem, em 24 pessoas divididas igualmente entre homens e mulheres, Orozco (2010) verificou que a mudança, em direção à forma *tú*, iniciou-se, aproximadamente, há cinco décadas. Morín, Almeida e Rodríguez (2010) também estudaram a variação e a mudança no sistema pronominal de tratamento da língua espanhola, nesse caso, na variedade desse idioma falado na cidade de Las Palmas de Gran Canaria. Após a análise realizada, esses autores confirmaram uma mudança em progresso em que, quase de forma generalizada, as interações apoiadas na dimensão do poder estão sendo substituídas por relações de caráter simétrico. Além disso, nessa cidade, os jovens propiciam uma mudança nas esferas familiar e social em direção a relações de simetria do tipo *tú* – *tú*.

Embora um de nossos fatores de controle seja a idade, conjuntamente a outros fatores sociais como escolaridade e sexo (para mantermos a estratificação proposta pelo *corpus*), intentamos, neste artigo, analisar variáveis linguísticas do âmbito semântico-discursivo: tipo de referente (determinado e indeterminado) e tipo de discurso (discurso de fala própria, discurso reportado do próprio entrevistado e discurso reportado de terceiros). Nesse sentido, ao tratarmos dessas duas variáveis, preenchemos uma lacuna indicada por Calderón Campos e Medina Morales (2010) na área do tratamento ao interlocutor, já que, comumente, são testados fatores sociais como sexo, idade e parentesco, estes referentes à hierarquia social e não fatores semântico-discursivos.

Por conseguinte, alinhamo-nos a pesquisas atuais (Aijón Oliva, 2013; Aijón Oliva & Borrego Nieto, 2013) sobre variáveis linguísticas que extrapolam o nível fonológico e o âmbito social, visando à busca de restrições gramaticais, já que as análises constituem mecanismos para sabermos mais sobre a gramática (Labov, 1978). Apoiamo-nos, para tanto, no saldo positivo da conhecida polêmica entre Labov (1978) e Lavandera (1978), por ampliarmos os níveis de análise e por considerarmos significação em âmbito referencial, cientes, contudo, das advertências indicadas por Silva-Corvalán (1989): (i) há menos variação sintática que fonológica; (ii) a variação sintática é mais difícil de ser detectada, portanto, mais complicada de ser abordada em um estudo quantitativo; e (iii) a equivalência semântica não é claramente identificada nas variantes do nível sintático. Dessas advertências, convém apenas atentarmos para o fato de que o percentual de variação em um nível ou outro, sintático ou fônico, é apenas uma constatação decorrente das pesquisas, pois os estudos em variação sintática ainda não têm a mesma abrangência e difusão que têm os estudos em variação fônica.

Soma-se à contribuição aos estudos pronominais, a inclusão de explicações funcionalistas à análise variacionista, do que resulta uma abordagem sociofuncionalista. De acordo com Tavares (2003, p. 134, grifo do autor):

[...] o pressuposto básico para a constituição do sociofuncionalismo - ou de 'um' sociofuncionalismo - é o de que algum traço funcional seja levado em conta, caso contrário, não teríamos como justificar o funcionalismo do rótulo. O mesmo é válido para a parte 'sócio' - do rótulo: algo terá de vir da Sociolinguística, sejam aspectos metodológicos, achados quanto aos condicionamentos sociolinguísticos, princípios e explicações.

Em nossa análise, consideramos os princípios de iconicidade e de marcação, os quais, segundo Givón (1990, 1991, 1995), são relevantes para análises sobre mudança e/ou estabilização da língua em uso. Também aludimos à expressividade retórica (Dubois & Votre, 2012) e à gramaticalização, especificamente

¹ Simbologia habitual na literatura sobre essa temática na qual V, do francês *vous*, representa a forma de poder ou ausência de solidariedade e o pronome de intimidade e solidariedade entre os interlocutores é representado por T.

especialização por generalização (Hopper, 1991). Esses pressupostos serão detalhados a seguir, bem como correlacionados aos grupos de fatores que elegemos para explicar o fenômeno de variação entre *tú* e *usted*.

Pressupostos teóricos: em direção a uma explicação sociofuncionalista

Desde a década de 60, o caráter homogêneo da língua tem sido contestado: uma das principais questões levantadas sobre a visão estruturalista da língua refere-se ao fato de que, para que ela funcionasse de modo efetivo, deveria ser estruturada; porém, restava saber: como os falantes se comunicam enquanto a língua está em processo de mudança? Consideramos, como Weinreich, Labov e Herzog (1968-2006), que a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria disfuncional. As escolhas que os falantes realizam entre uma variante e outra (por exemplo, *tú* e *usted*) para codificar uma variável linguística (por exemplo, 'expressão da segunda pessoa') é influenciada por forças ou grupos de fatores, que são internos e externos ao sistema, o que indica que a variação é funcional e sistemática.

Se em um mesmo contexto, duas formas linguísticas remeterem ao mesmo valor referencial/representacional (Labov, 1978), são variantes de uma mesma variável; processo que se constitui como base para mudanças no sistema linguístico. Embora nem toda variação pressuponha mudança, toda mudança pressupõe variação (Weinreich et al., 1968-2006), ou seja, formas podem alternar-se em períodos estáveis de variação sem que se complete um estado de mudança. Estudos sobre *tú* e *usted* (Orozco, 2010; Morín, Almeida, & Rodríguez, 2010) têm revelado que *tú* adentrou em contextos em que antes a norma estabelecia o uso de *usted*, no entanto, ainda não podemos afirmar que substituirá a forma *usted* em todos os contextos.

É necessário atentar, contudo, para o fato de que essa é uma possibilidade, já que *tú*, historicamente, tem ocupado o lugar de variante concorrente: na Espanha do século XVI, os pronomes *tú* e *vos* eram usados no âmbito familiar; entre os séculos XVII e, talvez, parte do século XVIII, *tú* substituiu completamente *vos* (Lapesa, 2008). Aludindo ao princípio do uniformitarismo (Labov, 1994), as mesmas condições que favoreceram *tú* no passado podem operar para que seja favorecido, novamente, no presente, ou seja, utilização em contextos assimétricos. A nivelação de uso de *tú* e *vos* outrora, em decorrência de aproximação de papéis sociais, pode estar ocorrendo hoje na competição entre *tú* e *usted*. Isso revela que a sociedade caminhou e caminha em direção à aproximação social (*tú* amplia seu contexto de atuação, indicando mudança em progresso), pois se caminhasse em direção à diferenciação social, o panorama seria outro (variação estável).

Partindo do fenômeno variável, detectado em *corpus* oral (a ser detalhado na seção seguinte), nosso intuito, ainda no âmbito variacionista, é mostrar sistematicidade de uso das variantes mediante motivações semântico-discursivas e sociais. Ao considerarmos tais motivações para demonstrar como o fenômeno é sistematicamente estruturado, aludimos a dois princípios de mudança (Weinreich et al., 1968-2006): restrições e encaixamento. O primeiro refere-se a fatores linguísticos e sociais interrelacionados, além de restrições de processamento, as quais Berg (1998) considera cruciais para explicar a mudança, por exemplo, as línguas estão sujeitas a pressões evolucionárias para evitar formas que dificultam o processamento, do que podem resultar estruturas que refletem tais restrições. O 'encaixamento' é essencial para descobrir como o fenômeno em estudo se encaixa na estrutura linguística e na estrutura social. Em geral, a língua muda em associação a outras mudanças, por exemplo, na estrutura social. Também, consideramos a mudança em tempo aparente ao tratar de faixas etárias: se há diferença no modo de falar que não seja resultado de algum empréstimo ou dialeto de prestígio, parece justo relatar uma mudança no estado da língua (Labov, 1994). Salienta-se, contudo, que se trata de um prognóstico, já que é pautado no fato de a língua refletir, futuramente, o que ocorre, atualmente, nas faixas mais jovens.

Ao tratarmos de restrições, encaixamento e mudança em tempo aparente, contemplamos pressupostos advindos da Sociolinguística. Paralelamente, em perspectiva funcionalista, visamos à correlação dos resultados estatísticos aos princípios de marcação, expressividade retórica, iconicidade e gramaticalização (especialização por generalização), abaixo detalhados, configurando nossa proposta como sociofuncionalista, pois, como observa Tavares (2003), o Sociofuncionalismo constitui-se a cada pesquisa, desde que haja aspectos advindos das duas teorias-mãe. Eis o que pretendemos fazer neste artigo, já que consideramos haver restrições funcionalistas (de natureza cognitiva) que pautam os usos linguísticos variáveis.

O princípio da marcação, conforme Givón (1990, 1991, 1995), indica que a estrutura marcada é maior, mais complexa e menos frequente do que a não marcada, demandando, portanto, mais atenção e tempo de

processamento. Segundo Givón (1995), o conceito de marcação pressupõe a noção de complexidade da estrutura da língua; neste âmbito, o autor concebe que o elemento marcado é estruturalmente mais complexo. Por outro lado, o elemento não-marcado é mais simples em sua estrutura. No entanto, a marcação depende do contexto comunicativo, logo, para a caracterização de um elemento como marcado ou não-marcado, entram em jogo fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos e biológicos.

Givón (1990) apresenta três critérios para se avaliar a marcação: a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada; b) distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada; c) complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada.

No tocante a esses critérios, Givón (1991) orienta que devem ser testados de maneira isolada e, somente depois, os resultados devem ser correlacionados. Por outro lado, dada a dificuldade de acessar o grau de complexidade cognitiva das formas linguísticas, esse subprincípio deve ser indiretamente controlado, mediante correlação entre complexidade cognitiva e complexidade estrutural: “[...] categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas” (Givón, 1991, p. 38).

Paralelamente, consideramos o princípio da expressividade retórica, já que, pelo atestado na literatura, um procedimento discursivo marcado, por vezes, ocorre em contextos não marcados, para garantir equilíbrio cognitivo-contextual (Dubois & Votre, 2012). Nas palavras de Dubois e Votre (2012, p. 12): “[...] é preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação”. A partir desta premissa, com vista à obtenção do equilíbrio cognitivo-contextual, os autores propõem a aplicação do princípio de expressividade retórica: cognitivamente motivado em termos da expressividade e da eficácia, o que pode equilibrar as tarefas de codificação (Dubois e Votre, 2012), assim, formas marcadas podem ocorrer em contextos menos marcados e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados.

Das formas sob análise, em termos de complexidade estrutural, *tú*, por ser menor, é forma menos marcada do que *usted*. Precisamos saber, entretanto, se é mais frequente e se ocorre em contextos não marcados, por isso, procedemos à análise da frequência das variantes e dos usos de acordo com o tipo de referente e o tipo de discurso.

Também, observamos atuação do princípio da iconicidade (Givón, 1984, 1990, 1991, 1995), já que lidamos com referente determinado e discurso de fala própria (mais próximos > mais icônicos) e referente indeterminado e discurso reportado (mais distantes > menos icônicos), em alusão ao subprincípio da proximidade - que correlaciona proximidade cognitiva de entidades com proximidade de unidades no plano da codificação, um dos três subprincípios do princípio da iconicidade. Os outros dois são: princípio da quantidade - que prevê a correlação entre quantidade de informação e quantidade de codificação - e princípio da ordem sequencial - que orienta a ordenação linear semântica e pragmaticamente (Givón, 1984).

Outrossim, em virtude de termos observado muitos dados de *tú* em detrimento de *usted*, fazemos alusão à gramaticalização, especificamente à especialização por generalização (Hopper, 1991), já que, em um domínio funcional, pode haver estreitamento de escolhas, ficando uma das formas com significados mais gerais. Dos cinco princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991) - estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização, interessa-nos o de especialização, porque a forma *tú*, ao adentrar contextos de uso de *usted*, pode indicar um estreitamento de escolhas formais, ou seja, por ser usada em relações tanto simétricas quanto assimétricas, assume um significado gramatical mais geral.

Procedimentos metodológicos

A amostra desta pesquisa foi composta por entrevistas oriundas do Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia (PRESEVAL), que compõe o Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América (PRESEEA). Esse último pretende reunir um grande número de corpora orais que sejam sociolingüisticamente representativos e de interesse para pesquisadores das diferentes áreas da Linguística. Além disso, o PRESEEA pretende viabilizar estudos sob diversas perspectivas em cidades de todo o mundo hispânico.

O corpus PRESEVAL - como nos referiremos a partir deste ponto - está publicado em três volumes, pela Universidade de Valência, a saber: *El español hablado de València. Materiales para su estudio I. Nivel*

sociocultural alto (Gómez Molina, 2001); *El español hablado de Valência. Materiales para su estudio II. Nivel sociocultural médio* (Gómez Molina, 2005) e *El español hablado de Valência. Materiales para su estudio III. Nivel sociocultural bajo* (Gómez Molina, 2007). O projeto foi desenhado em 1996 e, para a sua coleta, seguiram-se os requisitos arrolados no documento que norteia a metodologia do PRESEEA, os quais se encontram disponíveis na página desse macroprojeto². Sua amostra constitui-se de 74 informantes estratificados de acordo com as seguintes variáveis: i) sexo: homens e mulheres; ii) idade: faixa etária 1 (de 20 a 34 anos), faixa etária 2 (de 35 a 54 anos) e faixa etária 3 (acima de 55 anos)³; iii) escolaridade: dividida em nível baixo, nível médio e nível alto⁴. Para os níveis de escolaridade baixa, média e alta, foram considerados informantes que cursaram, respectivamente, até 8 anos de escolaridade, até 12 anos de escolaridade, aproximadamente, e 15 anos ou mais de escolaridade. Inclui-se, ainda, uma quarta variável, iv) língua habitual: castelhano-falantes e bilíngues.

Como não é objetivo deste trabalho realizar uma análise exaustiva considerando as variáveis sociais, elencamos apenas as seguintes variáveis para compormos uma amostra ortogonal: sexo (masculino e feminino), idade (faixa etária 1, de 20 a 34 anos; faixa etária 2, de 35 a 54 anos e faixa etária 3, acima de 55 anos) e escolaridade (níveis baixo e alto). Foram selecionadas 36 entrevistas, resultado da seguinte análise combinatória: 3 informantes por células x 3 grupos de idades x 2 níveis de escolaridade x 2 sexos. Desse modo, evitamos a falta de equivalência quantitativa, garantindo proporção, ou seja, dando as mesmas oportunidades de produção dos dados. Conforme Guy e Zilles (2007), ao contrário de diminuir o trabalho, essa prática o qualifica, por revelar reflexão crítica e responsabilidade. Ademais, ao considerarmos três informantes por célula, aumentamos as chances de identificar tendências através da constatação de regularidades no comportamento.

Após a coleta na amostra selecionada, os dados encontrados foram categorizados de acordo com os grupos de fatores linguísticos: tipo de referente e tipo de discurso, bem como de acordo com os grupos de fatores sociais: sexo, idade e escolaridade. A etapa de rodagem estatística dos dados foi realizada no software Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, & Smith, 2005), ferramenta exitosa nos estudos variacionistas porque foi desenhada, segundo Guy e Zilles (2007), para lidar com dados de variação sociolinguística e realizar uma análise multivariada. Esse tipo de análise permite testar a influência de uma variável independente ao mesmo tempo em que se controlam outras variáveis, pois esse *software* assume a premissa de que o fenômeno linguístico sofre pressão simultânea de diversas variáveis independentes. Dessa forma, afasta-se a possibilidade de resultados incorretos como pode ocorrer em uma análise univariada, realizada a partir de outros métodos de análise quantitativa.

Tendo em vista os fatores linguísticos retrocitados, esperamos que favoreçam a forma *tú* os fatores referente indeterminado e discursos reportados (próprios ou de terceiros), respectivamente ilustrados de (01) a (03), por não fazerem remissão direta ao interlocutor, presente no ato de fala. Ao generalizar e retomar o que disse e o que outros disseram, o informante tende a usar a forma mais frequente na comunidade. De acordo com Seco (1985), para integrar o ouvinte ao interesse do falante, este transfere àquele suas próprias vivências e de toda a humanidade, o que se verte concretamente no uso do *tú*. Lorenzo (1989), ademais, observa que o *tuteo* conduziu o *tú* à hiperutilização em casos não habituais, como o do *tú* impessoal.

Com base na teoria de Brown e Gilman (1960), ponderamos que seria pertinente inserir, na amostra, o valor de *tú* quando se refere a si mesmo (conforme exemplo 02), visto que o seu uso pode estar atrelado ao poder do ouvinte sobre o falante ou por uma relação de igualdade. Nesse sentido, agregamos, também, o uso de *tú* impessoal. Ademais, salientamos que esses usos, em muitas comunidades de fala hispânica, são considerados como formas de tratamento, no sentido de Brown e Gilman (1960), posto que os seus usos podem estar correlacionados às dimensões de poder e solidariedade. Por exemplo, Hidalgo Navarro (1996) afirma, categoricamente, que o uso do *tú*, empregado de forma impessoal, é um fenômeno frequente no espanhol atual. Sobre isso, o linguista Manuel Seco já prescrevia em sua gramática de 1989: “[...] no uso coloquial de hoje, o valor impessoal de *uno* é assumido frequentemente pelo pronome pessoal *tú* e a forma ‘*tú*’ do verbo: *Vas por la calle tan tranquilo y te cortan el paso*” (Seco, 1989, p. 163, grifo do autor, tradução nossa)⁵.

² Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA). (2019).

³ Optamos pelo termo faixa etária em detrimento de geração, tradução literal do termo utilizado pelo corpus PRESEEA: ‘generación’.

⁴ Traduzimos os termos *grado de escolaridad: enseñanza primaria, secundaria e superior* por, respectivamente, escolaridade: nível baixo, médio e alto.

⁵ “En el uso coloquial de hoy, el valor impersonal de *uno* es asumido frecuentemente por el pronombre personal *tú* y la forma “*tú*” del verbo: *Vas por la calle tan tranquilo y te cortan el paso*”.

Quanto aos fatores sociais, por não tratarmos de variantes estigmatizadas, cremos que o uso de *tú* seja recorrente em todos os estratos, mas que haja evidências de que homens, pessoas menos escolarizadas e mais jovens deem preferência a essa variante, por ser menos formal, refletindo, portanto, mais solidariedade entre os interlocutores.

(01) [...] A la gente es que nos gusta que estén encima nuestras// que noss- que nos prestenn atención/ igual te la están prestando pero/ 'túu' NECESITAS que te presten más/// que te mimen más/ nos gusta que nos mimen/ ([...] A gente gosta que estejam encima da gente// que noss- que nos deem atenção/ talvez estejam te dando mas/ 'tuu' NECESITAS que te deem mais/// que te mimem mais/ a gente gosta que nos mimem) (ENTREVISTA 06 – VAL00631MB98)

(02) [...] porque muchas veces yo he pregunta(d)o bueno/ ¿'tú' por qué llevas esos pantalones?/ (porque muitas vezes eu perguntei bom/ porque 'tu' estás usando essas calças?) (ENTREVISTA 02 – VAL00231HC96)

(03) [...] ¡uyy!/ que tienen demasiadas cosas/// ésa por primera/// antes no teníamos tanto/ y nos portábamos mejor/ ahora tienen TODOS/ TODOS/ demasia(d)o// demasia(d)o bien// para mí// porque antes los padres te decían// hoy no se puede comprar un zapato/ y 'tu' tienes que currar/ y tienes que trabajar// ([...] uii! que têm muitas coisas/// essa para começar/// antes não tínhamos tanto/ e nos comportávamos melhor/ agora têm TODOS/ TODOS/ muito// muito bem// para mim// porque antes os pais te diziam// hoje não dá para comprar um sapato/ e 'tu' tens que trabalhar/ e tens que trabalhar//) (ENTREVISTA 03 – VAL00313MB01)

Paralelamente, esperamos que favoreçam a forma *usted* os contextos com referente determinado em discurso de fala própria (exemplificados em 04 e 05), pautando-nos em Brown e Gilman (1960), já que o referente a quem o informante se dirige, nesse caso, é o entrevistador. Assim sendo, a formalidade da entrevista conduz ao uso de *usted* para fazer referência ao interlocutor, apesar dos esforços do entrevistador para neutralizar o nível de formalidade, por ser tratar de uma entrevista sociolinguística. Em relação aos fatores sociais, consideramos, por razões clássicas da literatura sobre o tema, que a forma *usted* predominará na fala feminina, em informantes de maior escolaridade e mais velhos, por ser a variante mais antiga e por ser mais formal. Especificamente em relação à faixa etária, nossa hipótese está assentada nos estudos de Sanromán Vilas (2010), o qual, ao analisar a variação entre *tú* e *usted* na cidade de Cádiz, Espanha, concluiu que era a idade dos informantes, mais que qualquer outro fator social, que motivava a escolha de uma forma de tratamento em detrimento de outra.

(04) [...] había gente que venía que practicamente no había visto- no había entabla(d)o ninguna clase de relación con más gente/ y 'usted' sabe/ los amigos/ MUCHOS de los que hacen en la mili son amigos para toda la vida/ (tinha gente que vinha que praticamente não tinha visto/ não tinha iniciado nenhuma classe de relação com mais pessoas/ e você sabe/ os amigos/ MUITOS dos que se fazem no serviço militar são amigos para a vida toda/ (ENTREVISTA 21 – VAL02133HB00)

(05) [...] porque era valenciano y aqui no le conoce nadie// y 'usted' tampoco le conocerá/ se llamaba Vicente Marc (porque ele era valenciano e aqui ninguém lhe conhece// e 'você' também não o conhecerá/ se chamava Vicente Marc) (ENTREVISTA 21 – VAL02133HB00)

Como o uso dos pronomes de tratamento, em português, pode divergir daquele feito em espanhol, salientamos que, nas traduções dos exemplos acima, mantivemos a equivalência pronominal em termos de forma. Em outras palavras, há determinados trechos, por exemplo, nos quais o indivíduo hispanofalante utiliza a forma *tú*, no entanto, em português brasileiro, o falante utilizaria *a gente* ou *você*. Desse modo, no que diz respeito às traduções dos trechos de fala, abstraímos essas questões pragmáticas (relativas a habilidades tanto linguísticas como extralinguísticas, nos termos de Hurtado Albir (2001)), pois o foco do nosso trabalho é o sistema pronominal de tratamento em uma variedade do espanhol peninsular. Assim, determinamos que, quando o falante fizesse uso da forma *tú* ou seu paradigma verbal, traduziríamos, igualmente, como *tu* ou o seu paradigma verbal em português. Quando a forma pronominal utilizada fosse *usted* ou o seu paradigma verbal, traduziríamos como *você* ou o seu paradigma verbal em português.

Análise dos resultados

Considerando a totalidade de ocorrências das formas *tú* e *usted* nas entrevistas selecionadas a partir do corpus PRESEVAL, de 1.286 dados, 1.185 (92.1%) foram da forma *tú* e 101 (7,9%) da forma *usted*. Para a variante *tú*, considerada nosso valor de aplicação, por ser a mais frequente na comunidade, o programa Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, & Smith, 2005) selecionou como motivações o tipo de referente, a faixa

etária e o tipo de discurso, nessa ordem de significância. Expomos, em um primeiro momento, as variáveis estatisticamente selecionadas, para as quais articulamos explicações referentes a encaixamento linguístico e a encaixamento social, já que, segundo Weinreich et al. (1968-2006), é essencial encaixar a mudança na estrutura linguística e na estrutura social, mostrando a correlação entre ambas, tendo em vista que os sistemas mudam, frequentemente, em associações sociolinguísticas. Também mostramos como os resultados revelam restrições cognitivas, apoiando-nos em premissas funcionalistas. Na sequência, expomos as variáveis não selecionadas, escolaridade e sexo, para as quais tecemos algumas considerações pautadas em percentuais. Fazemos isso porque, conforme Guy e Zilles (2007), a prática de não expor resultados sem significância estatística não é benéfica para a ciência: pode indicar que a correlação entre a variável independente não significativa e a variável dependente ainda não foi analisada. Além disso, o resultado serve para refutar hipóteses.

Tabela 1. Atuação dos fatores tipo de referente, faixa etária e tipo de discurso no uso da variante *tú* versus a variante *usted*.

Grupo	Fatores	Aplicação/Total/%	Peso relativo
Tipo de referente	Indeterminado	843/855/98.6	0.743
	Determinado	342/431/79.4	0.108
Tipo de discurso	Discurso reportado de terceiros	173/197/87.8	0.701
	Discurso reportado do próprio entrevistado	80/112/71.4	0.463
	Discurso de fala própria	932/977/95.4	0.461
Faixa etária	1 – (20 a 34 anos)	481/488/98.6	0.757
	2 – (35 a 54 anos)	329/353/93.2	0.429
	3 - Acima de 55 anos	375/445/84.3	0.227

Fonte: Elaborada pelos autores.

Como podemos observar, a atuação da variável tipo de referente foi bastante significativa quando *tú* foi utilizado como ‘regra de aplicação’, por ocupar o primeiro lugar na ordem de significância estabelecida pelo programa Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, & Smith, 2005). O uso da variante *tú* é bem mais expressivo quando o referente é indeterminado (0.743), o que se alinha à nossa expectativa inicial, pois ponderamos que, ao fazer referência de forma indeterminada, os falantes estariam propensos ao uso de *tú* porque recorrem, sem necessariamente ter consciência disso, ao uso do *tuteo* pela extensão desse fenômeno na comunidade de fala. Isso também se alinha ao que preconizam autores como Hidalgo Navarro (1996) e Seco (1989) sobre a frequência de uso dessa variante com aspecto de indeterminação. Consequentemente, nos contextos com referente determinado, *usted* é a forma privilegiada ou por obedecer à semântica do ‘poder’, conforme Brown e Gilman (1960), ou por constituir um tipo de relação simétrica, porém não solidária, ou seja, *usted-usted*, já que se trata de entrevista.

Se a situação é a de entrevista, espera-se que se use a forma mais marcada, que é a maior e menos frequente, o que se reflete no resultado do grupo tipo de discurso, já que o discurso de fala própria, ou seja, aquele empregado ao interlocutor/entrevistador desfavorece o uso de *tú* (0.461). Por outro lado, ao tratar de assuntos em que há retomadas, usa-se a forma mais frequente na comunidade, a forma menos marcada: *tú*. Curiosamente, espera-se que retomadas do próprio entrevistado também o sejam com a forma *tú*, mas, nesse caso, o fator desfavorece tal uso, o que pode ser indício de expressividade retórica, nos termos de Dubois e Votre (2012), já que se usa um procedimento discursivo mais marcado (*usted*) em um contexto de retomadas do próprio falante (menos marcado), para garantir equilíbrio cognitivo-contextual, destacando-se, pelo uso da forma, no contexto de retomadas, aquelas do próprio falante por meio da forma *usted*.

Metaforicamente, os resultados também refletem iconicidade, tendo em vista que a forma inovadora entra, normalmente, no sistema em contexto mais distante do interlocutor, menos dêitico, menos usual etc., até invadir todos os contextos e suplantando a outra forma ou dominando a função. Paralelamente, o uso de *usted* fica restrito a situações mais próximas (fala própria e discurso próprio reportado). Esses princípios de iconicidade, marcação e expressividade retórica pautam usos linguísticos, mostrando que todo fenômeno variável é condicionado por fatores que refletem princípios cognitivos.

Em princípio, acreditávamos que os contextos com discurso reportado de terceiros e discurso reportado do próprio entrevistado favorecessem o uso da variante *tú*. Ao reproduzir situações discursivas que aconteceram em um ambiente distinto ao da entrevista, esperávamos que os falantes imprimissem mais, em suas falas, a tendência já evidenciada de uso do *tuteo*. Por outro lado, no discurso de fala própria, supúnhamos que houvesse maior monitoramento da fala oriundo da formalidade da entrevista, apesar dos

esforços de tentar aproximá-la a uma conversa. Assim, ponderamos que haveria uma predominância do uso de *usted*. Os resultados, para o grupo tipo de discurso, no entanto, parecem refletir também princípios cognitivos de marcação, iconicidade e expressividade retórica e não somente tendências observadas na comunidade.

No tocante à variável faixa etária, os pesos relativos confirmam as nossas suposições iniciais de que a forma de tratamento *tú* é mais recorrente na fala dos mais jovens. Como podemos verificar na tabela um (1), os informantes da faixa etária mais jovem favoreceram a variante *tú* com peso relativo 0.757 e os que menos favorecem são os mais velhos (0.227), indicando que a faixa mais velha, apesar de uso significativo de *tú*, considerando-se o percentual (84,3), é a mais conservadora ao articularem-se os fatores em uma análise multivariada. Os resultados, outrossim, atestam mudança em ‘tempo aparente’ (Labov, 1994), permitindo-nos olhar o presente para explicar o futuro.

Consideradas as variáveis estatisticamente significativas, apresentamos, na sequência, os grupos descartados pelo Goldvarb, por não afastarem a hipótese nula, ou seja, não são suficientes para explicar o comportamento das variantes em pauta. Para haver significância, deve haver menos de 5% de chance de os dados terem sido extraídos de um universo em que hipótese nula seja verdadeira (Guy & Zilles, 2007).

Tabela 2. Atuação dos fatores escolaridade e sexo no uso da variante *tú* versus a variante *usted*.

Grupos	Fatores	Aplicação/Total/%
Escolaridade	Nível alto	681/732/93.0
	Nível baixo	504/554/91.0
Sexo	Feminino	682/731/93.3
	Masculino	503/555/90.6

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os informantes com escolaridade alta, conforme frequência de ocorrência (93.0%), favorecem, minimamente, o uso da variante *tú*, porém, por não haver variante estigmatizada sob análise, a escolaridade não tende a ser significativa. Votre (2015) afirma que a influência da variável escolaridade pode estar associada tanto aos mecanismos de promoção quanto aos mecanismos de resistência à mudança. Pela frequência de uso do *tuteo*, é evidente a avaliação social positiva desse fenômeno na comunidade de fala estudada; e o uso, de acordo com Votre (2015, p. 52), “cristaliza, fixa, por repetição, as expressões preferidas pelos membros da comunidade”. Prova disso é o uso de *tú* entre professor e aluno, já mencionado por Matte Bon (2008), situação essa em que se espera certa assimetria no tratamento, pois, de acordo com Brown e Gilman (1960), poderíamos observar aí uma relação de poder do docente sobre o discente. Também, conforme Figueiredo (2012), o compartilhamento de experiências sociolinguísticas determina a expansão do repertório linguístico do falante, apesar de ele integrar um determinado grupo. Embora o percentual de uso do *tú* seja minimamente maior do que o de *usted*, corrobora o exposto por Orozco (2010) e Medina López (2010), que observam serem os falantes com nível de escolaridade alto os que encabeçam o processo de mudança.

A análise da variável sexo vai na mesma direção da escolaridade: como as variantes não são estigmatizadas, não se pode atrelar um ou outro uso às mulheres, como se tem feito na literatura sociolinguística clássica, nem se pode utilizar a hipótese de que os homens, diferentemente das mulheres, atribuem prestígio encoberto a uma das formas (Labov, 1972-2008).

Por fim, ao analisarmos os dados estatísticos, de um modo geral, no que tange à expansão do uso de *tú* em relação à variante *usted*, podemos constatar que os falantes da comunidade de Valência, ao optarem pelo uso de *tú*, em contextos característicos da variante *usted*, estão alargando o eixo da solidariedade e reduzindo o eixo do poder, em suas relações interpessoais.

Considerações finais

Nossos resultados demonstram a expansão do *tuteo*, corroborando o que assevera Carricaburo (1997) sobre esse fenômeno estar ganhando todo o terreno de *usted*. A partir dessa variação, pudemos apontar, neste artigo, algumas tendências de uso, as quais refletem um sistema equilibrado em que as variantes são utilizadas como reflexos de princípios cognitivos que regem o discurso.

A variante *tú* ocorre com mais incidência quando o referente é indeterminado, o discurso é reportado de terceiros e a faixa etária é mais jovem. *Usted*, embora pouco frequente, resiste nos seguintes contextos: com

referente determinado, em discurso próprio e na faixa etária mais velha. Em geral, os resultados mostram o direcionamento da mudança em favor do *tú* e atestam que se pode relacionar o uso à mudança em tempo aparente, já que, em análise multivariada, é a faixa mais velha a que condiciona o uso da forma mais antiga e a jovem a que condiciona o uso da variante *tú*. Esses resultados revelam que as formas de tratamento de segunda pessoa encaixam-se tanto na estrutura linguística como na estrutura social da comunidade investigada, já que há restrições semântico-discursivas (linguísticas) e etárias (sociais) determinando os usos de *tú* e *usted*.

Os fatores linguísticos tipo de referente e tipo de discurso refletem usos pautados em restrições cognitivas: a forma *tú*, a menos marcada (por ser estruturalmente menor e mais frequente), é mais usada em contextos mais marcados, como os indeterminados e os reportados de terceiros, indicando uma situação de equilíbrio cognitivo-contextual, nos termos de Dubois e Votre (2012): em contextos mais marcados, para garantir-se o equilíbrio, opta-se por formas menos marcadas. Por outro lado, a forma mais marcada, *usted* (estruturalmente maior e menos frequente), ocorre em contextos menos marcados, ou seja, aqueles mais próximos do falante, fala própria com referentes determinados. Ocorre, porém, que, em se tratando de correlação entre forma e gênero textual entrevista, é o princípio da marcação que atua, já que a forma *usted* ocorre com frequência no discurso de fala própria, aquele destinado ao interlocutor, que é, neste caso, o entrevistador.

Verificamos, outrossim, restrições referentes ao princípio de iconicidade e ao princípio de gramaticalização, especificamente especialização por generalização. A forma *tú*, em geral, reflete situações mais distantes, indeterminadas e reportadas de terceiros; já a forma *usted* ocorre mais em discurso mais próximo ao informante (fala própria e discurso reportado próprio), além de ser condicionada por referentes determinados. Como há muitos dados de *tú* em detrimento de *usted*, parece que, subjacente ao processo de variação-mudança, há uma especialização da forma *tú* para amplo uso em vários contextos, incluindo-se aqueles de valor indeterminado.

Limitamo-nos a discutir poucas variáveis nesta pesquisa, para que pudéssemos avançar teoricamente, tecendo generalizações advindas de correlações dos resultados a premissas cognitivas. Dessa guisa, podemos compreender que as variantes, ao competirem, o fazem não somente por motivações sociais, mas também por motivações cognitivas, o que valida o viés sociofuncionalista aqui adotado como mais propício a explicações de fenômenos não estigmatizados na comunidade.

As observações acima expostas comprovam a relevância da abordagem sociofuncionalista que propusemos para tratamento dos dados. De um lado, é evidente que a conjugação de variáveis discursivas (tipo de referente e tipo de discurso) e sociais (idade, sexo e escolaridade) foi um primeiro passo para a ampliação da dimensão sociolinguística à funcionalista. Por outro, aprimoramos a análise quando conjugamos pressupostos sociolinguísticos (dois princípios de mudança - restrições e encaixamento - e mudança em tempo aparente) com pressupostos teóricos funcionalistas: marcação, expressividade retórica, iconicidade e especialização por generalização. Constituímos, portanto, na acepção de Tavares (2003), o viés sociofuncionalista desta pesquisa, já que, conforme a autora, o pressuposto básico para a constituição do Sociofuncionalismo - ou de 'um' Sociofuncionalismo - é a conjugação de traços advindos das teorias de base.

Referências

- Aijón Oliva, M. A. (2013). On the meanings and functions of grammatical choice: the Spanish first-person plural in written-press discourse. *Pragmatics*, 23(4), 573-603. Doi: 0.1075/prag.23.4.01aj
- Aijón Oliva, M. A., & Borrego Nieto, J. (2013). La variación gramatical como forma y significado: el uso de los clíticos verbales en el español peninsular. *Linguística*, 29(2), 91-124. Recuperado de https://mundoalfal.org/sites/default/files/revista/29_2_linguistica_093_126.pdf
- Berg, T. (1998). *Linguistic structure and change: an explanation from language processing*. Oxford, UK: Clarendon Press.
- Brown, R., & Gilman, A. (1960). The pronouns of power and solidarity. In T. A. Sebeok (Ed.), *Style in language* (p. 252-281). Cambridge, MA: MIT Press.
- Calderón Campos, M. (2010). Formas de tratamiento. In A. Izquierdo, & J. M. Enguita Utrilla (Coord.), *La lengua española en América: normas y usos actuales* (Cap. 4, p. 225-236). València, ES: Universitat de València.

- Calderón Campos, M., & Medina Morales, F. (2010). Historia y situación actual de los pronombres de tratamiento en el español peninsular. In M. Hummel, B. Kluge, & M. E. Vázquez Laslop (Ed.), *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico* (p. 195-222). México, DF: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios.
- Carricaburo, N. (1997). *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid, ES: Arco Libros, S.A.
- Dubois, S., & Votre, S. J. (2012). Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. In S. J. Votre (Org.), *A construção da gramática* (p. 39-67). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense.
- Figueiredo, C. F. G. (2012). Variável extralingüística escolaridade: influência na marcação plural do sintagma nominal do português reestruturado de Almocharife, São Tomé. *Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, 22(1), 41-76.
- Fontanella de Weinberg, M. B. (1999). Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispano. In I. Bosque, & V. Demonte (Org.), *Gramática descriptiva de la lengua española* (Vol. 1, p. 133-1425). Madrid, ES: Espasa.
- Givón, T. (1984). *A functional-typological introduction* (Vol. 1). Amsterdam, NL/Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Co.
- Givón, T. (1990). *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam, NL: John Benjamins Publish Company.
- Givón, T. (1991). *Functionalism and grammar: a prospectus*. Amsterdam, NL: John Benjamins Publish Company.
- Givón, T. (1995). *Functionalism and grammar*. Amsterdam, NL: John Benjamins Publish Company.
- Gómez Molina, J. R. (2001) *El español hablado de Valencia: materiales para su estudio I. Nivel sociocultural alto*. València, ES: Universitat de València.
- Gómez Molina, J. R. (2005). *El español hablado de Valencia: materiales para su estudio I. Nivel sociocultural medio*. València, ES: Universitat de València.
- Gómez Molina, J. R. (2007). *El español hablado de Valencia: materiales para su estudio III. Nivel sociocultural bajo*. València, ES: Universitat de València.
- Guy, G. R., & Zilles, A. (2007). *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Hidalgo Navarro, A. (1996). Sobre los mecanismos de impersonalización en la conversación coloquial: el tú impersonal. *Estudios de Lingüística. Universidad de Alicante (ELUA)*, 11, 163-176. Doi: 10.14198/ELUA1996-1997.11.08
- Hopper, P. J. (1991). On some principles of grammaticalization. In E. Traugott, & B. Heine (Ed.), *Approaches to grammaticalization* (Vol. 1, p. 17-35). Amsterdam, NL: John Benjamins Publish Company.
- Hurtado Albir, A. (2011). *Traducción y Traductología: introducción a la Traductología* (5a ed.). Madrid, ES: Ediciones Cátedra.
- Labov, W. (1972-2008). *Padrões sociolingüísticos* (M. Bagno, M. M. P. Scherre, & C. R. Cardoso, Trad.) São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Labov, W. (1978). Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistics working paper*, 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory. Retrieved from <https://eric.ed.gov/?id=ED157378>
- Labov, W. (1994). *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford, UK: Blackwell.
- Lapesa, R. (2008). *Historia de la lengua española*. Madrid, ES: Gredos.
- Lavandera, B. R. (1978). Where does the sociolinguistic variable stop? *Language and society*, 7(2), 171-182. Doi: 10.1017/S0047404500005510
- Lorenzo, E. (1989). Relación interpersonal y expresión impersonal. In F. Rodríguez (Coord.), *Comunicación y lenguaje juvenil* (p. 217-239). Madrid, ES: Fundamentos.
- Matte Bon, F. (2008). *Gramática comunicativa del Español* (11a ed.). Madrid, ES: Edelsa.
- Medina López, J. (2010). Panorama sobre el estudio de las formas de tratamiento en el español de Canarias. In M. Hummel, B. Kluge, & M. E. Vázquez Laslop (Org.), *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico* (p. 225-245). México, DF: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios.

- Morín, A., Almeida, M., & Rodríguez, J. (2010). Variación y cambio en el sistema pronominal de trato: el caso del español canario. In M. Hummel, B. Kluge, & M. E. Vázquez Laslop (Org.), *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico* (p. 717-734). México, DF: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios.
- Orozco, L. (2010). La extensión del tuteo en la ciudad de Guadalajara (México). In M. Hummel, B. Kluge, & M. E. Vázquez Laslop (Org.), *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico* (p. 771-791). México, DF: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios.
- Periodista española que tuteó al rey de España conmociona las redes sociales.* (2015). Recuperado de <http://cnnespanol.cnn.com/2015/09/21/periodista-espanola-que-tuteo-al-rey-de-espana-conmociona-las-redes-sociales/>
- Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA). (2019). *Presentación*. Recuperado de <http://preseea.linguas.net>
- Sankoff, D., Tagliamonte, S., & Smith, E. (2005). *GOLDVARB X. A multivariate analysis application* [Software]. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. Recuperado de <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb.html>
- Sanromán Vilas, B. (2010). El uso de *tú* y *usted* en los jóvenes de Cádiz. In M. Hummel, B. Kluge, & M. E. Vázquez Laslop (Org.), *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico* (p. 734-754). México, DF: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios.
- Seco, M. (1985). La lengua coloquial: entre visillos de Carmen Martín Gaité. In E. Alarcos (Ed.), *El comentario de textos* (Vol. 1, p. 361-379). Madrid, ES: Castalia.
- Seco, M. (1989). *Gramática esencial del español*. Madrid, ES: Espasa-Calpe.
- Silva-Corvalán, C. (1989). *Sociolingüística: Teoría y análisis*. Madrid, ES: Alhambra.
- Tavares, M. A. (2003). *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84869>
- Votre, S. J. (2015). Relevância da variável escolaridade. In M. C. Molicca, & M. L. Braga (Orgs.), *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação* (4a ed., p. 51-57). São Paulo, SP: Contexto.
- Weinreich, U., Labov, W., & Herzog, M. (1968-2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (M. Bagno, Trad., Obra original publicada em 1968). São Paulo, SP: Parábola Editorial.